

São Paulo, domingo, 21 de outubro de 2001

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## RAÍZES DA AMÉRICA

**Analistas têm diminuído a importância de seguidores rígidos do cristianismo e do judaísmo no conflito**

# OS TRÊS FUNDAMENTALISMOS

por **Sergio Paulo Rouanet**

Usou-se muito a palavra "fundamentalismo" a propósito dos terríveis acontecimentos de 11 de setembro, mas somente para designar o fundamentalismo islâmico. Esse uso é correto, mas limitado. Se quisermos entender a dimensão ideológica da crise, precisamos dar-nos conta de que há três fundamentalismos envolvidos no conflito, e não apenas um: o fundamentalismo islâmico, sem dúvida, mas também o judaico e o cristão.

Em sua acepção mais geral, o fundamentalismo islâmico prega uma volta às origens religiosas do Islã e uma reforma dos costumes e da sociedade segundo os preceitos da "sharia", da lei do Corão. O termo recobre uma multiplicidade de tendências. Entre elas, há uma orientação radical, que recorre à violência para atingir seus fins. O fundamentalismo radical operou a princípio num quadro nacional. Foi o caso de movimentos como o Al-Jihad, baseado no Egito, responsável pelo assassinato de Anwar Sadat, em 1981, e o GIA (Grupo Islâmico Armado), da Argélia, autor de inúmeros massacres. Mas, com o tempo, o fundamentalismo radical passou a atuar num quadro internacional. O exemplo mais espetacular é o Al Qaeda, dirigido por Osama bin Laden, que quer fundar um califado pan-islâmico e tem em seus quadros, entre outros, egípcios, jordanianos, iemenitas e sauditas, além de pontos de apoio em quase 50 países.

O fundamentalismo judaico não se manifesta sob a forma de uma fidelidade literal ao texto sagrado, pois a interpretação rabínica da Torá sempre foi bastante livre. Mas se manifesta na ultra-ortodoxia -e nisso é semelhante aos demais fundamentalismos. Para o judeu fundamentalista, a lei de Deus tem valor absoluto, valendo tanto na vida privada quanto na pública. O casamento visa unicamente à procriação, a educação dos filhos se esgota na educação religiosa, e devem-se evitar contatos com pessoas alheias à própria comunidade. Contra os judeus liberais, que propugnam a integração com a sociedade local, os fundamentalistas cultivam uma atitude sistemática de auto-

segregação, tanto com relação aos gentios quanto com relação a outras tendências do próprio judaísmo.

O fundamentalismo cristão tem uma vertente católica, o integrista, que remonta ao antiliberalismo e ao antimodernismo do "Syllabus", de Pio 9º. No entanto foi no protestantismo norte-americano que o fundamentalismo floresceu. O próprio nome nasceu nos EUA, a partir de uma série de fascículos publicados entre 1909 e 1915, em que pastores de várias denominações relacionaram os "fundamentals" ou pontos fundamentais da fé cristã, dos quais nenhuma das igrejas poderia se desviar. O principal desses pontos era a infalibilidade da Bíblia. O fundamentalismo protestante expôs-se ao ridículo mundial quando um professor secundário do Estado de Tennessee foi processado por ter ensinado o evolucionismo na escola, contrariando uma lei estadual. Mas os fundamentalistas continuam vivos e atuantes. Durante a Guerra Fria, desfraldaram a bandeira do anticomunismo e hoje combatem o aborto e o homossexualismo. Defendem um patriotismo messiânico, vendo a América como a nação eleita. A direita religiosa fundamentalista transformou-se numa irresistível força eleitoral. Seu poder já ultrapassa os Estados Unidos. Muitas das seitas evangélicas e pentecostais que hoje atuam no Brasil são ramificações do fundamentalismo norte-americano.

Direta ou indiretamente, os três fundamentalismos estiveram presentes na tragédia do dia 11 de setembro e em suas sequelas.

Na origem, está o conflito árabe-israelense, porque foi principalmente na qualidade de "cúmplices" do Estado de Israel que os americanos foram "punidos". Ora, esse conflito está sendo conduzido em grande parte por facções fundamentalistas islâmicas ( Hamas, que atua nos territórios palestinos, Hizbollah, com base no Líbano) e por fundamentalistas judeus, alguns atuando por meio de organizações extremistas, como o Kach Kahane Chai, que pretende restaurar o Estado de Israel tal como descrito na Bíblia. O mínimo que se pode dizer é que esses dois fundamentalismos dificultam o processo de paz. A irracionalidade do fundamentalismo muçulmano é óbvia, mas os judeus fundamentalistas, mesmo quando não violentos, também não são exemplos de lucidez. Suas opiniões sobre temas gravíssimos, como os limites territoriais do Estado de Israel e a questão correlata da legitimidade de determinados assentamentos, são mais influenciadas pelas promessas feitas por Deus aos patriarcas que pelas realidades contemporâneas do conflito com os árabes. É o peso eleitoral dos partidos religiosos ultra-ortodoxos que impossibilita a formação de um governo estável de centro-esquerda, sem o qual uma verdadeira negociação com os palestinos não pode ser bem-sucedida.

As primeiras reações oficiais e populares aos atentados nos Estados Unidos deram a impressão de que entrara em cena um terceiro fundamentalismo, o cristão. Os valores seculares que sempre caracterizaram a democracia americana pareciam estar sendo erodidos com um fervor bíblico digno dos puritanos que chegaram à América no Mayflower. O presidente da maior potência da Terra disse que o conflito

que se aproximava será uma guerra monumental do bem contra o mal, e que Deus, cujo direito à neutralidade o presidente contestou, estava do lado dos americanos. Os aiatolás do Pentágono não fizeram por menos: batizaram a operação antiterrorista de Justiça Infinita, termo de origem claramente bíblica, porque só a justiça divina pode ser considerada infinita. Em suma, a direita religiosa americana, sempre influente na vida política do país, parecia ter tomado o poder. Talvez houvesse o dedo dos fundamentalistas até no superpatriotismo com que a nação inteira reagiu à crise, porque vimos que para eles a América é a nação eleita: amar Deus e amar a América são virtudes equivalentes.

Os três fundamentalismos têm em comum o tradicionalismo em questões morais e uma posição retrógrada quanto ao estatuto da mulher. São puritanos e misóginos. Mas esse tradicionalismo não implica uma rejeição em bloco da modernidade.

Todos eles aceitam a modernidade técnico-econômica. Os fundamentalistas islâmicos vêm de estratos sociais urbanos, muitos têm formação universitária, conhecem a fundo todos os segredos do capitalismo financeiro (têm contas na Suíça e jogam na Bolsa) e manejam a tecnologia militar mais sofisticada. Os pregadores fundamentalistas cristãos dominam todas as técnicas da comunicação de massas, falam em estádios gigantescos e alcançam audiências inimagináveis por meio do rádio e da televisão. Os fundamentalistas judeus podem usar roupas e barbas do tempo do gueto, mas muitos estão plenamente ligados aos circuitos financeiros do capitalismo moderno.

Em compensação, todos dão as costas à modernidade política, cujas características de pluralismo e de respeito aos direitos humanos são incompatíveis com a estrutura autoritária do fundamentalismo. E todos repudiam a modernidade cultural, caracterizada pelo advento da visão secular do mundo, pelo deslocamento da religião para a esfera do foro íntimo, da vida privada, tendências que não podem se conciliar com a natureza teocrática do fundamentalismo.

Quais as causas do fundamentalismo? Alguns fatores são específicos. No caso do fundamentalismo islâmico e do fundamentalismo "pentecostal" brasileiro, por exemplo, podemos apontar a anomia resultante do processo de urbanização, a dissolução dos vínculos tradicionais de solidariedade, a discriminação étnica, a marginalidade social e a perda de prestígio do marxismo como religião laica. Mas há também fatores comuns, aplicáveis a todas as variantes do fundamentalismo, como a dificuldade de inserção na economia, numa fase em que o capitalismo tem características estruturalmente excludentes, e a desorientação diante do desaparecimento dos valores tradicionais, em consequência do processo de globalização.

Com sua capacidade de recriar nexos de solidariedade grupal, de dotar a vida de sentido e finalidade, de inventar um passado mítico em que não existiam as tensões e as incertezas do mundo contemporâneo, de alimentar a esperança numa vida futura que possa compensar todas as humilhações do presente e de fazer da religião uma trincheira de resistência cultural, capaz de enfrentar as pressões

niveladoras provocadas pela globalização, o fundamentalismo parece constituir uma resposta para todas as frustrações da vida moderna. É uma falsa resposta. O fundamentalismo impede o homem de pensar por si mesmo, desativa sua razão e simplifica realidades complexas. Esse tríplice déficit corresponde exatamente ao perfil dos fanáticos que perpetraram os atentados nos Estados Unidos. Podemos não saber sua identidade, mas conhecemos sua personalidade: deformados pelo fundamentalismo, esses homens eram sem sombra de dúvida heterônomos, irracionais e simplificadores. Nunca houve missão mais urgente que combater o fundamentalismo. E nunca houve tarefa mais difícil, porque, se as causas do fundamentalismo forem realmente as apontadas acima, ele não é nem um erro teórico nem uma perversão moral, mas o efeito objetivo de fatores cuja eliminação requer nada menos que uma correção de rumos na estrutura de nossa modernidade.

---

**Sergio Paulo Rouanet** é ensaísta e professor visitante na pós-graduação em sociologia da Universidade de Brasília. É autor de, entre outros, "As Razões do Iluminismo" e "Mal-Estar na Modernidade" (Cia. das Letras). Escreve mensalmente na seção "Brasil 502 d.C."

Texto Anterior: [Timothy Garton Ash: O Afeganistão e o novo mapa da Europa](#)

Próximo Texto: [+ brasil 502 d.C. - Evaldo Cabral de Mello:](#)

[O quixotismo do Quixote](#)

[Índice](#)

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Folhapress](#).